

CASA DO POETA BRASILEIRO EM SALVADOR POEBRAS – SALVADOR

2001

NÚMERO 3

Editor – João Justiniano da Fonseca



III CONCURSO INTERNACIONAL DE POESIA
POETA HOMENAGEADO
NOTÍCIAS
CONVIDADO
GENTE DA CASA
PATRONOS

“Poetas são núncios do céu na terra; poetas são homens que falam a linguagem dos anjos; poetas são legionários da fé, arautos da esperança, e obreiros da caridade; poetas são os que salmodiam profecias, varam a noite escura da alma, e inflamam epopéias; poetas são os que crêem, os que esperam, os que amam”. (Mendes Fradique em carta a Belmiro Braga, Páginas Flóridas, edição da Companhia Editora Nacional, 1933)

**CASA DO POETA BRASILEIRO EM
SALVADOR
POEBRAS – SALVADOR**

DIRETORIA:

Presidente - João Justiniano da Fonseca
Vice-presidente - Zínia de Araújo Góes
Secretária - Alba Gueudeville
Tesoureira - Ester da Silva Vasconcelos
Diretor de Eventos - José Pedro Machado
Diretor de Intercâmbio Cultural - Oswaldo Francisco Martins

CONSELHO FISCAL:

Eduardo Cavalcante Silva
Nilson Petronilo de Souza
Antonio Nunes de Almeida

CONSULTOR JURÍDICO – Dr. Eunápio Amorim.
COORDENADOR DO III CONCURSO – Oswaldo Francisco Martins
PATRONO PERPÉTUO - Antônio de Castro Alves
PATRONO DE HONRA - Virgílio José de Almeida
PATRONO DE GESTÃO - Rodolfo Coelho Cavalcante
COMISSÃO JULGADORA DO CONCURSO;
Beatriz Alfredo
Conceição Affonso
Elza de Melo
REVISÃO DE TEXTO – Consuelo Dantas e Heloísa Graddi.

SUMÁRIO

Página de abertura
Versos Metrificados ou Não
Homenagem póstuma
Premiados no 3º Concurso Internacional de Poesia
Gente da Casa

PÁGINA DE ABERTURA

"Poesia é investimento na eternidade, uma aposta no infinito. Sem retorno. O comentarista investe no momento. O historiador passeia pelo passado. O romancista pinta um quadro. O dramaturgo ergue um cenário. O poeta atira no alvo do infinito... Ou seja, a poesia é um pacto com o perene. Um compromisso com o que jamais perece. Cada poema é como um filho que sobreviverá a tudo e só perecerá quando o gênero humano perecer, coletivamente". (José Nêumane - APOSTA NO INFINITO. Extraído do Prefácio de O TEMPO; VIA E VIAGEM, de Solon Borges dos Reis -antologia - 1996)

Aqui estamos apresentando aos consócios o terceiro número de nossa modesta revista anual. O compromisso é a poesia, sem distinção de escola, conceito, classificação. Ainda hoje, em minhas horas de vontade revejo um romântico. Amo e exercito o parnasiano. Exercito o verso não metrificado – o dito moderno. Às vezes componho um poema ou um soneto livre - metrificado, mas sem rima. E até gosto disso. Um dos mais belos poemas da língua pátria é Palavras Ao Mar, de Vicente de Carvalho. São oito décimas em decassílabos sem rima nenhuma, oitenta versos de rara beleza. Não que abandone a métrica e a rima ou as desaconselhe isso não! Antes, acho que o poeta, tradicionalista ou modernista, deve perseguir o ritmo, a sonoridade. Música e poesia são mabaças.

Como sempre, sem patrocínio, sai a nossa revista. Participam os três primeiros classificados no concurso a título de prêmio e, como cooperados os que se classificaram entre o 4º lugar e o 10º no concurso e concordaram com a participação cooperativada, bem assim, nas mesmas condições, os sócios que nos honram com a sua adesão. Nem todos acolhem a saída prática e objetiva da edição autocusteada. Muitos acham que desvaloriza o autor. Se a gente não tem patrocínio e o trabalho não enseja lucro ao editor empresário, que outra solução há? Custeia ou fecha a revista. Fechar não é, evidentemente, a solução para uma instituição cuja proposta é divulgar a arte poética. Vamos em frente com aqueles que pensam conosco. E a eles agradecemos a mão estendida.

Não temos podido fazer muito pela Casa em Salvador. Falta-nos a sede própria e as reuniões da Diretoria se fazem sem data certa, quando há assuntos a tratar. Sem espaço para reuniões de sócios ou encontros solenes, falece-nos a motivação para atrair novos sócios. Estamos limitados em termos sociais, a um reduzido número de amigos mais próximos e aos sócios correspondentes. Assim, vamos levando o barco sem pressa e sem pretensões.

O artigo a seguir, do saudoso mestre Eno Teodoro Wank, e que acolhemos com muita honra, vale bem como uma aula e até parece que vem a propósito do debate proposto na abertura do nº 2 desta revista.

João Justiniano da Fonseca.

VERSOS METRIFICADOS OU NÃO?

Eno Teodoro Wanke

De uns tempos pra cá, especialmente depois que a trova e o soneto voltam, apesar dos pesares, a dominar a criatividade de muitos poetas contemporâneos, há uma tendência, de dividir a poesia em duas categorias: moderna e clássica. "Moderna" seria a poesia desmetrificada, e "clássica" aquela medida dentro dos cânones tradicionais. Tudo bem. É uma classificação. Uma classificação, porém, que desfavorece a poesia metrificada. É como se se dissesse: a poesia que se usa e a antiga. Ou seja, a poesia clássica seria retrógrada, ultrapassada, quadrada, que só faz quem não se atualizou. Como se, atualizar-se fosse o mesmo que ser moderno, ou seja, estar na moda – que é o que, realmente, significa a palavra moderno. E estar na moda quer dizer apenas seguir a maioria, ser um basbaque, ser uma pessoa sem individualidade, originalidade ou imaginação – pecados graves num artista, especialmente um poeta.

Percebe-se que quem fez tal classificação tinha pinimba contra a poesia metrificada, que é tratada como se fosse algo antigo, e, portanto, menor – o que absolutamente não é verdade. Antes pelo contrário, a poesia metrificada entra no século XXI conquistando sempre mais adeptos, cada vez mais, cada vez melhores. Qual o poeta, mesmo não confessando, que não deseja aprender a metrificar? Sem se darem conta disso, certos trovadores e sonetistas, utilizam a nomenclatura. Até entidades respeitáveis, quando organizam concursos poéticos, ingenuamente e de boa fé adotam tal classificação. Seria mais interessante e mais claro e justo que se classificasse a poesia, quanto à apresentação, de metrificada e sem metro.

A poesia metrificada é séria, importante e indispensável à bagagem literária básica de qualquer que se preze, mesmo que ele prefira optar sempre pelo verso sem metro. Todos os clássicos do modernismo metrificavam: Mário de Andrade, Manoel Bandeira, Menotti Del Pichia (um mestre na arte de medir versos!), Guilherme de Almeida (outro mestre!), Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles. Até Oswald de Andrade, com toda a sua maluquice e rebeldia!... Poeta que não saiba metrificar seus versos, perde muito – só se prejudica em sua arte. Aprender a metrificar é adquirir a capacidade de aprofundar-se nos misteriosos meandros do ritmo e da sonoridade do nosso esplendoroso idioma – idioma que é, afinal, o veículo e a matéria-prima da comunicação dos nossos sentimentos, emoções e sonhos poéticos. Pois, em suma, metrifcação é aquela varinha miraculosa que, através do seu toque de magia, pode transformar versos efêmeros em arte imperecível.

HOMENAGEM PÓSTUMA.

Antônio de Carvalho Melo. Cachoeira, Bahia, 21 de fevereiro de 1914, Salvador, 27 de março de 2001. Sepultamento em Senhor do Bonfim, Bahia. Poeta e trovador primoroso. De profissão, foi oficial da Polícia Baiana, na qual alcançou a reserva como coronel e professor secundarista.

Quero pedir a compreensão dos confrades e leitores, para um preito muito pessoal e muito sentido. Foram 52 anos de estima e companheirismo, de afeto e solidariedade, de sonhos e ideais comuns, de consulta, de encompridas tertúlias poéticas. Refiro-me ao poeta A. de Carvalho Melo, que a eternidade levou neste 2001. Íamos para o ano de 1949, quando nos conhecemos de ouvir um ao outro em um programa de poesia mantido pela velha Rádio Tupi do Rio de Janeiro, sob o comando do radialista Almirante. Onde está o Poeta, era o nome do programa. Pouco depois, no ano de 1950, nos conhecemos pessoalmente. E convivemos durante todo esse tempo fraternalmente. O espaço não dá para muito. Só para dizer um pouco da saudade e da felicidade de ter sido seu amigo.

Vem de Arcoverde, Pernambuco, de parte da poetisa Iracema Rocha de Almeida, a seguinte manifestação de apreço e admiração ao poeta A. de Carvalho Melo, acerca do soneto Naturalidade, publicado no número 2 da Revista da Casa:

"Encontrei também na página 44, outro soneto belíssimo, de título NATURALIDADE, do poeta A. de Carvalho Melo. Soneto legítimo que valoriza a métrica e a rima, qualidades que dão sonoridade e beleza à poesia... O soneto deste poeta é encantador, dos mais belos que já li".

Haroldo Rodrigues de Castro, presidente da UBT de Magé, traz-nos sua palavra de afeto e conforto espiritual:

"Lamentamos a notícia do passamento de nosso irmão de sonhos A. de Carvalho Melo. Foi triste, mas assim Deus o quis. Ganham os Céus mais um Poeta. Nós ficamos com o seu espírito e suas poesias".

Com efeito. Sua poesia fica à posteridade. Aí está MALDIÇÃO – Tragédia nas Secas, de 1971, um épico belíssimo e rico, trabalhado cuidadosamente em linguagem sertaneja nordestina, com vistas a impressionar os que não conhecem nosso drama ou não se sensibilizam com ele. É de 1984, TALISMÃ – Sentimento e Arte, um verdadeiro primor, reunindo poesia metrificada e não metrificada, belos sonetos e trovas. Aqui, o dileto amigo me ensejou a honra da palavra, que modestamente apresentei nas orelhas do livro. Suas trovas A. de Carvalho Melo enfeixou em três volumes: CANTIGAS QUE O POVO CANTA, de 1986, TROVAS GLOSANDO TROVA, de 1989 e CANTIGAS DE QUE O POVO GOSTA, de 1991. Em Trovas Glosando Trova, o autor rende uma homenagem a UBT na Bahia: "Este livreto a que demos o título de TROVAS GLOSANDO TROVA, é uma homenagem aos vinte anos de fundação da União Brasileira de Trovadores, de Salvador e constitui o modo que encontramos para pormos em evidência a trova literária e realçar a participação dos companheiros que em vinte anos de atividade da Seção, tudo fizeram para que ela continuasse crescendo e valorizando a trova". Após a reserva da Polícia Militar, Carvalho Melo mudou-se para Senhor do Bonfim, sem nunca deixar de ser presente à sua UBT, sempre lembrada e referenciada. Referenciada e reverenciada. Colhe uma trova de cada um dos

companheiros ubetistas baianos de seu tempo, e vai glosando. Cada trova glosada rende quatro outras. Um valioso trabalho para se incorporar à história da Casa. Em Cantigas Que o Povo Canta, são quinhentas trovas. Mais quinhentas em Cantigas de Que o Povo Gosta.

Conosco seus companheiros da UBT da Bahia, da Academia Castro Alves de Letras, da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador, fica, enquanto aqui permanecemos, a lembrança viva de sua presença encantadora, da solidariedade constante, da palavra de carinho, e o compromisso de glorificar sua imagem.

TROVA

(A seguir, uma de suas glosas):

Da criançada sem pais
e sem um lar onde more,
cuidem as leis sociais
antes que o mundo a devore.

João Justiniano da Fonseca

GLOSA

Da criançada sem pais
sem agasalho e sem pão,
falam todos os jornais
mas, amparar-lhes, não vão.

Sem afeto, sem carinho,
e sem um lar onde more,
vagueia o menor, sozinho,
sem ter, sequer, quem lhe chore.

Dos párias, dos marginais,
que dormem pelas calçadas,
cuidem as leis sociais,
já que são tão comentadas.

Proteja-se a criançada,
não se espere que ela implore,
deixe-a ao menos, resguardada,
antes que o mundo a devore.

NOTÍCIAS SAUDADES

Falecimentos:

Mais uma querida amiga que se vai. A poetisa Maria Feijó, que tive a honra e a felicidade de lançar em 1966 com o livro BAHIA DE TODOS OS MEUS SONHOS, faleceu dia 4 de junho de 2001, no Rio de Janeiro, onde residia, sendo sepultada na terra natal. Deixa uma bagagem de 13 livros, inclusive um romance e um volume de trovas. Alagoinhense e baiana muito amorosa, editava no Rio e vinha, rigorosamente, lançar em Salvador e Alagoíhas. Está hoje Patrona de uma Cadeira na Academia Alagoinhense de Letras, em fase de organização. Também do Rio de Janeiro seguiu o caminho do Eterno o escritor Eno Teodoro Wank, que deixa um vácuo muito grande nas letras nacionais, como escritor e poeta mavioso, como editor e divulgador da arte e dos confrades.

De Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, partiu a Presidente da UBT local, trovadora Elô Maria Oliveira, que nos acolhia com muito afeto naquela aprazível cidade gaúcha, onde tenho os amigos mais queridos.

DE PARABÉNS

Nosso III concurso (internacional) foi um sucesso. Compareceram 115 poetas com 338 poemas. Material de alto nível. Pena é que muitos participantes fugiram à temática, sendo, por isso eliminados. É possível que algum órgão de imprensa fizesse a divulgação sem mencionar o tema. A primeira classificada é uma portuguesa brasilificada desde 1961 – Maria Madalena Ferreira. O segundo um português lisboeta de vida inteira em seu país, de onde nos informa que soma 160 primeiras classificações em concursos literários – João Batista Coelho. A terceira vem de Belém - Lucy Gorayeb Mourão. Dois dos premiados são adolescentes – Gilvânio da Silva e Mariana Palagani de Freitas Santos, o que nos parece ótimo sinal. Os bons começam cedo.

DIVERSOS

Ester da Silva Vasconcelos nossa dedicada Tesoureira, em uma das reuniões de Diretoria, porque se falou em idade, em queixa de velhice saiu com esta:

"Discriminar é tolice!"
Mesmo que o tempo corra,
Saiba viver a velhice.
Quem não quer ser velho, morra!"

III CONCURSO INTERNAIONAL DE POESIA.
Coordenador – Oswaldo Francisco Martins
PREMIAÇÃO

PRIMEIRA CLASSIFICADA.

MARIA MADALENA FERREIRA. Portuguesa, residente no Brasil desde janeiro de 1961. Poetisa e trovadora com duas centenas de trabalhos premiados no Brasil e Portugal. Integra: BT, ABT, APPRL, APLA, Casa do Mestre (Magé) e POEBRAS SALVADOR, onde foi premiada nos dois primeiros concursos.

MENINO DE RUA

Menino de Rua,
que Sina mais crua
a Vida te deu!
- Vivendo sem teto,
sem pão, sem afeto,
num mundo que é teu!...

Menino pedinte,
a fome é um acinte
à tua inocência!
- Sem lar, sem carinho,
qual rumo ou caminho
em meio à indignação?!

Se eu tenho comida,
Por que em tua vida
há tanta carência?!
E fico pensando:
- Meu Deus – até quando
tamanha inclemência???

Criança inocente,
sozinha, carente,
olhando-te assim,
não posso sorrir
e chego a sentir
vergonha de mim!...

Na vida, porém,
nem sempre se tem
a vida ideal!...
- E quantos de nós
também vivem sós,
sem porto ou fanal!...

Meu pobre menino:
- Será que o Destino
não vai compensar
o quanto padeces,
se tanto mereces
alguém pra te amar???

Ó pobre criança:
- Mantém a esperança!
Preserva teus sonhos!
- Aprende a sorrir,
que, um dia, hão de vir
os dias risonhos.

E, enquanto não chegam
teus dias felizes,
procura sonhar
que as noites te cobrem
com mantas de estrelas,
de brisa, e luar...

SEGUNDO CLASSIFICADO

JOÃO BATISTA COELHO. Natural de Lisboa, Portugal. Nascido em 29 de abril de 1927. Contabilista. Exerceu sua atividade na área da indústria gráfica e metalomecânica, aposentando-se em 1984, depois de 48 anos de atividade profissional. A partir de então, para ocupar o tempo livre, se dedicou à literatura e vem participando ativamente de concursos literários. Detém hoje, mais de 700 distinções, das quais 160 são prêmios em primeira classificação. Em 1997 representou Portugal num encontro Luso-Espanhol de poetas e no ano 2000 conquistou os prêmios nacionais "Políbio Gomes dos Santos" (II edição) e "Agostinho Gomes" (I edição). Tem publicados, cinco livros de Poesia e, para edição oportuna, mais três de Ensaio e Prosa (contos). Residência: Rua Almada Negreiros, 229, Tires, 2785-128 – São Domingos de Rana, Portugal.

MENINOS DA RUA

Menino da rua,
aonde os teus pais?!
Na hora mais crua,
porquê os teus ais?!

Alheio do mundo
que aqui te rodeia,
porquê, lá, bem fundo,
não tens maré cheia?!

Passando nos dias,
caminhas sem rumo.
Não tens alegrias;
levou-as o fumo.

Vagueias à toa
em busca de pão.
És barca sem proa;
semente sem chão.

E quando anoitece
e o frio é castigo,
porquê tua prece
não serve de abrigo?!

Talvez que nem tentes
dizer um Pai-Nosso
ou digas aos crentes:
ignoro: não posso!

Aos poucos a noite
acorda e esvoaça;
e dá-te um açoite
na eterna desgraça.

Manhã! Foi-se a Lua!
Saltitam pardais!
Menino da rua...
navio sem cais.

TERCEIRA CLASSIFICADA

LUCY GORAYEB MOURÃO. Escritora, poetisa. Academia Paraense Interiorana, Academia de Letras e Música do Brasil, Academia Paraense de Jornalismo, Academia de Letras e Artes de Paranapuã, Academia Irajense de Letras e Artes, Academia Castro Alves de Letras (BA). Presidente da LIBRA/PA. Residência Rua Senador Manoel Barata, 15, CEP 66015-350 – Belém, PA.

Fome
Frio
Dor
Agonia sem fim

Noite infinita
Debaixo da marquise
O tempo não passa

A fome corrói
O corpo entorpecido pela cola
Os olhos murchos
Não vêem cor
Tudo é cinza
Tudo é triste
Tudo igual.

Chão que vira cama
Papelão
que não traz calor.
Cabeça que dói
Solidão que corrói
Bicho-menino
Que tem medo, muito medo
Do bicho-papão
Que come as entranhas
E que os outros
Chamam
Fome.

QUARTO CLASSIFICADO.

JOÃO BOSCO DE CASTRO. Professor e escritor, coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. Natural de Pará de Minas, onde nasceu em 31 de janeiro de 1947, sendo filho de João Rodrigues de Castro e Maria Ramos de Castro. Premiado nos dois primeiros concursos da Poebras Salvador, da qual é sócio, recebe este terceiro prêmio. Residência: Rua Epídoto, 143, Santa Tereza, Belo Horizonte (CEP 31010-270).

SEM-EIRA-NEM-BEIRA...

Sem divisa
Nem camisa,
Zé-Custódio
Sobe ao pódio
Da miséria
Deletéria...
Sem sossego
Nem emprego,
Sá-Maria
Se arrelia
Contra a sina
De latrina...
Sem leitura
Nem ventura,
Zé-Prudente,
Persistente,
Quer trabalho,
Ganha ralho...
Com vergonha,
Dona Tonha
Dorme, a custo,
Sono injusto
Na calçada
Disputada...
Sem toicinho
Nem dindinho,
Zé-Soares
Tem azares:
Pensão-Rua,
Teto-Lua!...

QUINTA CLASSIFICADA

MÔNICA DA SILVA COSTA. Natural de Paranapanema, SP. Oficial Legislativo na Câmara Municipal de Jacarezinho, PR. Formação em Letras com habilitação em língua Portuguesa e Inglesa. Residência: Rua do Rosário, 636, Centro, CEP 86400-000 - Jacarezinho, PR. Caixa Postal 11.

DIÁRIO DE UM MENDIGO

Começa o dia.
Lá vem o sol me dar "bom dia".
Ainda sinto as dores no corpo
pelas horas passadas na noite fria...

Caminho um pouco.
Para muitos, pareço louco.
Louco, sim! De frio e fome,
e desta solidão que me consome...

Já fui alguém.
Pessoas me quiseram bem.
Mas, por força do destino,
hoje estou abandonado e esquecido,
um indefeso e frágil menino...

O sol esquenta.
Ele é minha única fonte de calor.
Com farrapos sobre o corpo,
saio à procura do amor...

O amor existe.
É difícil encontrá-lo na cidade.
Depois de bater em muitas portas,
percebo que ainda existe a caridade...

Com a fome saciada,
recomeço a caminhar.
Esta noite e madrugada
ainda não sei como nem onde vou
passar...

SEXTO CLASSIFICADO

GILVÂNIO DA SILVA. Natural de Recife, Pernambuco. Menor, participando com autorização de sua mãe, Cilene Maria da Silva. Sétima série da Escola Dona Maria Tereza. Residência: Rua Áurea, 709, Bomba do Hemetério, CEP 52081-530 – Recife - PE.

QUEM SOU?

Não sei quem sou?
Não faço a mínima idéia.
Não tenho casa.
Não tenho nome.
Não tenho idade.
Não tenho endereço.
Não tenho mãe nem pai para obedecer
nem irmãos para brincar.
Tenho carro por hora
quando pedem que eu olhe.
Sou higiênico: tomo banho quando chove
e me enxugo quando faz sol.
A lua é minha luz
e as estrelas minhas contadoras de histórias.
As nuvens, meu cobertor quando faz frio.
A esperança é meu alimento.
Os ratos, cães e gatos são meus amigos.
A rua minha escola.
O banco da praça é meu sofá
onde eu posso assistir a felicidade e não participar...
A calçada é minha cama.
A vidraça das lojas, meu espelho
E você é minha esperança.
Sabe quem eu sou?
Eu sou aquele que te encontra todos os dias nas ruas
pedindo dez centavos
e você diz: não tenho.

Eu sou aquele moleque de rua
que passa fome, frio e humilhações
por não ter uma família para o defender.

SÉTIMA CLASSIFICADA

RELVA DO EGYPTO REZENDE SILVEIRA. Natural de Pedrinópolis, Minas Gerais. Diretora de Ensino, jornalista, escritora com mais de 200 prêmios literários, inclusive em Portugal, Urugai e Estados Unidos. Integra a UBT de Belo Horizonte, a Academia Mineira de Trovas, o CPERP/SP, e, na qualidade de emérita, a Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete. Premiada no segundo concurso de poesia da POEBRAS SALVADOR. Residência: Rua Donata da Fonseca, 737, ap 1002 A, Luxemburgo, 30380-260 – Belo Horizonte.

SEM "LENÇO E SEM DOCUMENTO"

A criança desvalida
não é feliz, inocente;
mendiga abrigo e comida,
pede amor, quer ser mais gente.

Segue sozinha a indigente
e, palmilhando esta vida,
ferida é constantemente.
Sua dor não tem medida.

Sem "lenço e sem documento",
se canta, exprime um lamento
que compassa o seu viver.

O descaso do Poder...
nós outros... lavando as mãos...
Afinal, somos cristãos?! ...

OITAVO CLASSIFICADO

JOSÉ GUIMARÃES DA SILVA. Naturalidade: Cáceres-MT. Escritor e poeta. Autor do livro "Companheiro de Viagem", romance infanto-juvenil, editado pela Papel Virtual Editora e "Keity", idem, pela Virtual Books. Poesia "Canção do Índio" publicada na coletânea "I Concurso dos Contistas e Poetas do Milênio", de Aracaju/SE. "O Velório do Boi", romance, em vias de publicação pela Editora Talento Brasileiro. Endereço: Rua Pedro Alves da Cunha, 59 – Jardim Noronha. Pouso Alegre-MG - 37550-000

IGUAL A VOCÊ

Eu, maloqueiro,
De infinitas noites
Errante vagabundo.
De calçadas desertas
Habitante solitário
Por este imenso
E perdido mundo.
Venha você que passa
Sentar-se juntinho a mim
Cavalheiro, vivente, transeunte.
Não me deixe triste assim.

Dentro em pouco cairá a noite
E com ela o torturante orvalho
Que umedece minha enrugada face
Cujo frio ingrato e renitente
Aos poucos me domina e arrefece
O calor que em meu corpo permanece.
De grandezas você vive e esquece
Deste coitado
Que na calçada adormece;
Desmerecido, pobre imundo,
Desprezível, indigente.
Porém não me menospreze
Pois igual a você
Também sou gente.

NONA CLASSIFICADA

MARIA DE LOURDES NUNES DE ANDRADE. Natural do Rio Grande do Sul, nascida em Porto Alegre, aos 2 de novembro de 1926, veio ainda criança para o Rio de Janeiro. Licenciada em Letras Neolatinas exerceu o magistério e publicou várias obras didáticas para o ensino de Português. Participou da coletânea *Trovadores Brasileiros*, editada em 1984 pela Shogun Arte, e do *Anuário de Poetas do Brasil*, de Aparício Fernandes, em 1985, no 1o volume. Endereço: Av. Engenheiro Richard, 120 – Grajaú. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20561-090

MENINO DE RUA

Menino de rua
sem teto, sem pão,
que vives de esmolas
e dormes no chão,
sem ter quem te cuide,
sem ter quem te ame,
sem ter quem te eduque
e filho te chame;
teus pais não tiveram
de ti piedade
e te abandonaram
na mais tenra idade.

Que Deus se condoa
desse teu destino
e te dê um lar,
meu pobre menino.

DÉCIMA CLASSIFICADA

MARIANA PALAGANI DE FREITAS SANTOS. Natural de Salvador. Menor, com autorização do pai, Orlando Pereira dos Santos. Endereço Rua Eugênio Birne, 60 – Periperi. CEP 40.725-570 – Salvador/Ba

REALIDADE SOCIAL

Meu teto é o céu.
Minha cama é uma calçada,
dura, úmida e fria.
Não tenho mãe para velar meu sono
Sou um menino de rua
Minha vida é catar papel no lixo.
Vender latinhas.
Com o estômago gritando de fome.
Cheirar cola de sapateiro.
Roubar, ainda não cheguei a tanto.
Mas acho que é esse o destino
Que a vida me reservou
roubar, matar.
E aumentar a violência do país.
Na igreja não me permitem entrar
Para não mostrar aos turistas
O lado ruim da cidade
Como se Deus não quisesse perto de si
Todos os seus filhos
Mesmo os feios e maltrapilhos
Que chamam de mendigos
Quase ninguém se aproxima de mim
Para dar-me um prato de comida
E assim vou vivendo minha sorte
Com uma única certeza:
A de morrer pobre
Como um dia eu nasci
Sobre uma calçada úmida e fria
Fraco e doente.

CONVIDADO

CIRO PINTO DE FREITAS VIEIRA GRADDI – CIRO GRADDI. 15 anos, estudante do 2º ano do 2º grau. Colégio Portinari. Filho de Heloísa e José Carlos Graddi. Rua Baraúna, 92, Horto Florestal. Salvador.

Com autorização materna para a publicação, aqui estão as primícias deste adolescente, que deixamos ao futuro. O poema dá sinais de premunição. Oxalá estejamos abrindo o primeiro espaço a um novo Castro Alves. "O futuro! O futuro!!"

Da vida o que será?
Na ida o que virá?

Ô mãe eu tenho medo
Tô com medo de voar
Ô pai eu tenho medo
Tô com medo de caçar

A vida me mudará?
A vida machucará?

Ó meu filho seja forte
Pro céu ser o teu limite
E voe do Sul ao Norte
Pois a morte dá palite

Conosco tu crescerás
Conosco aprenderás

Aquela montanha mãe
É onde hei de morar
Vê aquele touro pai?
É o que vou derrubar

Por ti mãe, eu viverei
Por ti pai, eu vencerei

GENTE DA CASA

ARNALDO RIIPPEL. Médico Ortopedista, membro das Academias Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, Petropolitana de Letras, Mageense de Letras, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Membro da Ala de Compositores da Escola de Samba Portela no Rio de Janeiro. Pai de Julia Schiffler Rippel, seu maior poema.

COMPASSO

Bate marcado meu coração
Marcado por dias escassos de luz
Marcado por choro de homens na cruz
Marcado por lagrimas roladas em vão...

Bate marcado meu coração
Pela chuva que inunda o casebre no morro
Pelo povo sofrido, pedindo socorro
Pelo sangue inocente, que rega meu chão...

Bate marcado meu coração
Pelas cartas marcadas no jogo da vida
Pelos poetas que tentam esconder a ferida
Com versos...com prosa...pura ilusão...

Bate marcado meu coração
Pelas costas marcadas pelo chicote do mundo
Pelas pernas que falham segundo a segundo
Pelo tempo sem volta e sem solução...

Bate marcado meu coração
Por saber que o minuto seguinte poderá ser fatal
Por saber que o relógio da vida não vai me poupar
Por saber que o sonho da vida não pode acabar...

Bate marcado por tantas canções
Repetindo rotinas, cantando refrões,
Batendo marcado meu sonho...mulher
Ter você toda a vida...instante qualquer...

PULP FICTION

Chegou segunda-feira
O dia não é mais da gente
Retornaram os nômades da esmola
Gente sadia que é doente.

De boca fechada
Faço o jejum de costume
De olhos abertos vasculho a noite
Sou de novo vaga-lume.

Amarrotadas as bocas maldosas
Crescem na espreita, desdentadas são feiosas
Tudo de repente na rotina dessa vida
Algoz, santinho, amor, ferida.

Solidão ladeira abaixo
Tentação, prazer que não me encaixo
Cantoria do copo, pura teimosia
Vira noite, vira tarde, triste dia.

Vai meu bloco, quaresma solidão
Foi prá longe o som doce da magia
Ficou perto a dor do coração
Eterna é minha carta de alforria.

Vou singrando o mar que é de sargaços
Vou abrindo de novo pobres braços
E deixando no ar toda a herança
De ter sido um dia apenas esperança.

CELIA LAMOULIER DE ARAÚJO. Poetisa, jornalista, advogada. Academia de Letras de Itapicirica, Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, UBT, POEBRAS SALVADOR. Praça Lincoln Ribeiro, 22 – Itapicirica. CEP 35550-000. Tel (37) 33412094.

MISTURA

Há uma mistura
De vozes e silêncios
Em nossas vidas.

Há uma ternura
De favos e flores
Semeando vidas.

Há uma tristeza
Feita após alegria
Entrelaçando as vidas.

Há um bem me quer
Um mal me quer
Em toda vida.

Só de mistura
Para a solidão não há
Nada na vida.

TROCA

A vida é uma troca
de corpo
de amor
de palavras
de bondade
de constante doar-se.

Trocar é viver
trocar passos
trocar idéias
trocar tempo
trocar ternura
trocar embaraços.

A morte é uma troca
trocar de passos
trocar de idéias
trocar de tempo
trocar de espaço
trocar de corpo e voltar.

CONSUELO DA SILVA DANTAS. Poetisa, contista e cronista. Natural de Salvador. Pertence à UBT/BA e POEBRAS SALVADOR. Professora. Fundou a primeira Escola Pedro Calmon na Bahia, e dirigiu uma Escola Profissional Feminina em São Paulo. Tem livros didáticos publicados na ÁREA de Estudos Sociais. Últimas publicações: Carlota, páginas de um diário e Renascer - uma História de Amor e de Vida. Rua Rio de Janeiro, 501, ap 403, Ed. Damasco – Pituba – Salvador

DESABAFO

Que seja sutil
cheio de mistério...
compra-se um sorriso,
não a gargalhada,
que vive trancada
e estrangulada...
Morta na boca
perdeu a alma
também a calma.
E foge da vida
sem despedida.

Vende-se um sorriso
triste, deprimido
que tenta se esconder
para não ser afinal
a máscara dum rosto especial
que era gente
e buscava somente
encontrar amigos
para amar, ser amado
e compreender.

ESTER DA SILVA VASCONCELOS. Poetisa, trovadora. Repetidamente premiada no torneio mensal de trovas nas UBT/Ba. Professora aposentada. Sócia fundadora e diretora tesoureira da Casa.

DESEJO DE PAZ.

Sinto uma vontade imensa de viver,
um desejo de ver o céu azul
e o mar, o verde mar sereno...

Saber que há paz\ no mundo
e que os direitos humanos
estão sendo respeitados...

Sentir o amanhecer, um novo dia,
sons heterogêneos, sons de vida,
alegria nas ruas, nas calçadas...

Todos clamam pela paz!...
muitos, talvez mais do que deviam,
vivem a fantasia do poder...

O amanhã será promissor,
se houver amor, muito amor,
uma essência da paz, nada mais...

Penso que o amor impera ainda na Terra.
e os homens (quem sabe?) reconhecerão,
que não há razões para a guerra!

TROVA

A melhor coisa do mundo
Não se compra e não se faz.
Vem de dentro, bem profundo...
E é a sensação de paz!

ESTER LEONOR MAGALHÃES FERREIRA – JÔ DE PAULA. Poetisa. Pertence à POEBRAS SALVADOR. Natural de Rui Barbosa, BA. Livros publicados: *Floração*, *Retratos - Lembranças do Coração* e *Cometa da Alegria*. Rua Priscila Dutra 378, Cond. Atlantic Ville, Casa 13
42700-000 – Lauro de Freitas – BA – tel 3744332

DOAÇÃO

Venha gente, venham todos
Abro-me à invasão
Escancarei as portas
Abro todos os portões

Sou árvore cheia de frutos
Maduros, bonitos, à mão
Venham pássaros se fartar
Levar a semente ao chão

Sou santuário sagrado
Aberto à visitação
Possa cada um levar de mim
O exemplo, a reflexão

Doando renovo em mim mesma
A fonte da doação
E a água brotando em jorros
Fertiliza todo o chão.

HAROLDO R. DE CASTRO. Trovador, editor artesanal, presidente da UBT, Seção de Magé – RJ e vice-presidente da ABT – Academia Brasileira de Trova, presidente do conselho fiscal da ALAM – Academia de Letras e Artes de São João de Meriti, RJ, sócio correspondente da POEBRAS SALVADOR, técnico em contabilidade (aposentado). Correspondência: Caixa Postal 93800 – Magé, RJ, CEP 25900-000.

ESMOLA

Você me pediu uma esmola...
Olhei em seus olhos chorosos;
não paz, nem vida, nem amor...

Eu neguei a você aquela esmola...
Meus olhos também tristes, chorosos,
não tinham paz, nem vida, nem amor.

Você pediu para ir embora,
sem me olhar, amargurada,
não mostrava, sequer, um valor.

Eu deixei você ir embora,
fiz com que visse, notasse,
que também não tenho valor!

Você voltou, e, em sua volta,
Trouxe um sorriso, um carinho,
Um olhar arrebatador.

Mas... não me encontrou!!!
Amargurado com a sua amargura,
Meu viver de mim se separou.

HELOÍSA PINTO FREITAS GRADDI – HELOÍSA GRADDI. Poetisa. Juíza da 6ª Vara de Família. Membro integrante da UBT Bahia e sócia efetiva da POEBRAS SALVADOR. Pessoa humana de rara sensibilidade, lavra suas sentenças quase sempre em poemas construídos em redondilha maior e, apesar da aridez da matéria e das dificuldades inerentes à construção do texto conformado à lei e à norma processual, à praxe, consegue segurar o ritmo poético de forma impressionante. No gênero desconhece-se quem a precedesse. Rua Baraúna, 92, Horto Florestal, Salvador. (Nas duas páginas) abaixo um soneto homenagem, de seu amigo e confrade, poeta Virgílio José de Almeida, nosso Patrono de Honra e sua resposta à homenagem:

LUZ DA INSPIRAÇÃO.

Reluz mais uma estrela em nosso meio
Nesse galante abrigo do Poeta
O Jota Fariago, Grande Esteta
Jesus já resgatou para seu seio.

Em belo e florescente enleio
Nossa linha de estrelas se completa!
Com a jovem Gaddi, sempre diletta,
Vê-la ente nós alegremente anseio.

A sua inspiração floresce e encanta,
Com harmonias e beleza tanta.
Que revigora a alma enternecida.

É de Castália a inspiração constante
Que em nossa UBT vem doravante
Dar mais impulso, encantamento e vida!

AGRADECIMENTO

Tão bela e cálida homenagem
Em verdade não a mereço
Mas, vem do coração a abordagem
E emocionada, agradeço.

Da fonte que o elogio brota
Com tão rica e farta eloquência
É um manancial que não se esgota
Com lírico fulgor de opulência.

Sem harmonia e sem beleza tanta
Só o carinho verdadeiramente encanta
E a alma do amigo enobrece.

A Virgílio de Almeida agradecida
Devolvo nessa hora enobrecida
A cortesia que ele só merece

**HELOÍSA PINTO FREITAS GRADDI
EUNÁPIO AMORIM
JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA**

BRINCANDO DE POETAR

O Dr. Eunápio Amorim, advogado no foro de Salvador, chega a este pobre trovador com o seguinte bilhete:

Caro Fonseca,

A MM Juíza da 6ª Vara de Família achou por bem deferir-me sentença, fazendo-a rimada em duas vintenas de quadras, aliás, respeitando a devida fórmula processual. Resolvi assumir a "provocação", promovendo a execução dessa sentença mediante petitório rimado, como verá nessas cópias, que, "concessa venia", ofereço-lhe à sua apreciação de louvado poeta e romancista, como simples curiosidade de literatice judiciária...

Do fraternal amigo e admirador - Eunápio Amorim.

Porque essa dita "literatice", de tão nobre e agradável tocou-me a alma, acabei compondo um poema de homenagem à juíza e ao advogado. Literatice, eu diria a quem timidamente apresenta o trabalho, é a pretensão à literatura quando o autor não tem méritos. A sentença e o arrazoado, que vão a seguir transcritos, ao lado de fazerem transparente o espírito dos autores e cristalina sua sensibilidade de poetas, põem no escrito o coração, e sendo documentos de uso interno, sem intuito à divulgação, não têm pretensão nenhuma. Têm beleza, força de expressão, vida. São, no meu modesto entender, literatura no seu sentido mais perfeito - composição artística de trabalho escrito. E se jurídica é esta, como a define o Eunápio, jurídica seja e bem haja quem a compõe. Não importa a marca do principiante nos eventuais senões que nem sei se os próprios mestres deixam de cometer. Importa reconhecer-lhe um mérito de extraordinário valor humano: a confirmação de que no mais difícil labor do homem, o de fazer e oferecer justiça, o coração pode estar presente sem quebra da verdade sentenciosa, sem fuga à lei, sem desvio do direito. E eu creio que se alguma coisa conforta a sociedade, não a confortará mais do que ver que a Justiça conta a alma sem deixar de aferir a balança. Com efeito, a integridade do juiz e do defensor da lei, é a segurança maior de um povo. E o fato de saber-se que estes têm a balança em uma das mãos enquanto levam a outra ao coração na hora de decidir ou arrazoar, é uma razão de conforto moral e espiritual. A Justiça é uma religião e seus sacerdotes não poderiam ter a segura do granito, antes, devem possuir a doçura do mel.

Foi por esse lado que entendi o poema da meritíssima doutora Heloísa Pinto de Freitas Vieira Graddi, Juíza de Direito com exercício na 6ª Vara de Família, diante do requerimento exibindo, no consensual, a convencida queda de um casamento de dois anos ou pouco mais. Deus do céu, e há quantos assim! Milhares! Como a cultura moderna se convence tão facilmente da liberdade absoluta na relação dos casais! Tempos virão, eu não os alcançarei, mas os meus netos sim, talvez os meus filhos, em que não se solvem os laços de família e logo mais as pessoas acabarão não sabendo de pai, só de mãe solteira... E porque, perdido esse vínculo reduzem-se os braços da economia doméstica, o problema social do menor carente ou abandonado por certo se multiplicará como

se multiplicam os filhos de Adão. Já não basta a promiscuidade atual das camadas de baixo nível intelectual e escassa renda familiar ou sem renda nenhuma criando tantos meninos de rua, e as classes mais favorecidas, a média, sobretudo, ainda querem mais.

A SENTENÇA
VISTOS, ETC

Neste Juízo, qualificadas,
As partes ajuizaram a AÇÃO.
Com a pretensão formulada
Desejando a SEPARAÇÃO.

Na inicial e assim querendo,
Devidamente representadas.
Anexaram os documentos
À aspiração explicitada.

Pleiteiam os requerentes
Através desta ação,
Que se homologue por sentença
A consentida separação.

Na audiência de ratificação
Que este Juízo realizou
Foi confirmada a pretensão
Que o casal ajuizou.

Se já não existe amor
Nem afinidade entre o casal
Podem pedir em Juízo
A separação Consensual.

RELATADOS estes autos,
Passo agora à DECISÃO.
Verificando se procede de fato
Esta Ação de SEPARAÇÃO.

Os requerentes que já estão
Há mais de dois anos casados,
Ingressaram com esta ação,
Para se verem separados.

Requer a legislação vigente
Para se decretar a separação,
Que sejam casados os requerentes,
Com mais de dois anos, a união.

Disse a Promotora eminente
Em sua douta Promoção,
Pelas razões que assente,
Que é favorável à pretensão

Por todos os fundamentos
Que justificam o pedido,
O mesmo tem cabimento
E deve então ser deferido.

Respaldo legal tem em tudo
A pretensão dos requerentes,
Por esta razão é que JULGO
Seu pedido PROCEDENTE.

HOMOLOGO ainda os termos
Constantes da peça inicial,
Porque verificado o consenso
Havido sim, entre o casal.

O nome de solteira também
A requerente desta ação,
Voltará a usar, pois convém
E é legítima, a pretensão.

Portanto os requerentes estão
Definitivamente separados,
E, por força desta decisão
Já legalmente SEPARADOS.

Fluído o prazo legal vigente,
Expeça-se então o Mandado
Para o Cartório competente
A fim de ser averbado...

No Termo de Casamento
Dos autores desta Ação,
Para que conste no momento
A sua efetiva SEPARAÇÃO.

Cumpridas com precisão
As legais formalidades,
Dê-se baixa na Distribuição
E, arquivem-se com brevidade.

PUBLICADA e REGISTRADA
Para a devida ciência
Sejam as partes INTIMADAS
Do teor desta sentença.

No mês de fevereiro fluente
Aos dezesseis dias transcorridos,
Aqui no Juízo competente
O pedido foi deferido.

Atuando como TITULAR aqui
Desta Vara eu sou JUIZA
PINTO DE FREITAS VIEIRA GRADDI
O meu nome é HELOÍSA.

HELOÍSA PINTO DE FREITAS VIEIRA GRADDI - Juíza de Direito.

O PETITÓRIO

Deu-se, que o primeiro requerente, ex-cabeça do casal, tendo assumido o compromisso de pensão familiar, não o cumpriu. Daí, a segunda requerente, ex-esposa, voltou a Juízo pleiteando o cumprimento da SENTENÇA. E o advogado, assumindo como diz, a "provocação", uma vez que a sentença se dera em versos, em versos requereu. Vai o poema-requerimento:

..... separada,
tendo de V. Excelência
a sentença já publicada,
em AÇÃO DE SEPARAÇÃO
espécie CONSENSUAL,

que neste Juízo move,
de registro numeral
332.4929,
por seu comum advogado,
que vai abaixo assinado,
vem formular petitório,
conforme infra-alinhado,
deixado entregue ao Cartório,
em versos de "pé quebrado".

PRELIMINARMENTE, havendo
SEPARAÇÃO CONSENSUAL,
dispensa pede, encarecendo,
do decênio recursal.
- O dito cônjuge varão,
acima mencionado,
da alimentar prestação

jamais cumpriu o acordado
(cláusula "G" a inscrição)
no acordo homologado.
- Nos termos da condição,
por "cláusula" aqui declinada,
seu separado marido
deve por obrigação
ter de seu ganho descontada
pactuada fração,
conforme foi decidido,
na mensal ocasião
do salário recebido;
do bruto, como convém:
para a filha, vinte sendo,
apenas dez lhe cabendo,
da fração total se tem.
- Como oportuna menção,
informa ser seu marido
bancário de profissão,
como tal reconhecido,
por ter carteira assinada
no BANCO ECONÔMICO S.A.,
em cuja AGÊNCIA - CALÇADA
tempo integral ele dá.
- Assim, por todo o exposto,
para sua subsistência,
requer a V. Excelência
àquele Banco seja imposto
o desconto contratado,
para ser depositado,
dia cinco, o mais tardado,
em conta da suplicante,
na Agência ao pé referida,
a fim de que sua vida
tenha menor sofrimento.
- Nestes termos, postulando,
na JUSTIÇA confiando,
espera deferimento.

Salvador, 12 de março de 1993 - Eunápio Amorim.
A AURORA E O ENTARDECER – João Justiniano da Fonseca

Eunápio Amorim, amigo,
o mesmo amigo que eras
nas vinte e seis primaveras,
à sombra do mesmo abrigo...
Quanta distância vem vindo
desse tempo fazendário,
trabalho lento de erário,
esforço e brilho luzindo...

O brilho dos vinte e seis
tem raios de fogo e amor,
tem força de sobrepor
poder de magos e reis!
Pois foi aí, Deus de graça,
que eu conheci quanto amigo
que passo em passo, comigo,
ocupou o chão da praça!

E quanto de luta e sonho
de ideal, vontade forte,
veio nos matando a morte
no seu dissídio medonho...
Passou o nosso Walmir,
líder e mestre, paládio,
foram-se o Verne, o Aládio
e Osvaldo Teles, o Emir.
Foi o Péricles Viana
ainda em plena efervescência
da madura experiência,
oh, a vida!, como engana!
Estamos poucos inteiros,
Deus louvado, vida lenta,
no caminho dos setenta,
como nos tempos primeiros...

Eu, você, o Perdigão,
Pimenta e Valter, não mais,
daquela turma capaz
de firmar os pés no chão.
E porque o sonho é o meu dom,
penso alcançar os oitenta,
e espero que a gente agüenta,
viver é bom, muito do bom!

Tudo isso me ocorre agora,
à vista de uma aquarela
que marca simples, na tela
o entardecer e uma aurora.
Refiro-me à prolatada
sentença de uma juíza,
que sendo firme e concisa
vem em suave balada.

E me refiro ao jurídico
- a mim, como é bom saber! -
poema de requerer,
que compõe o meu causídico.
Você guardou o segredo
por tantos anos meu caro,
sem que eu nem sentisse o faro
da existência desse aedo...

Nem podia imaginar
uma penada em sentença
marcando a mansa presença
da trova no prolatar.
E ainda mais, me parece
que a julgadora é a aurora,
é a mocidade, é o agora,
é a rosa compondo a prece...

Que luxo para a poética
compor-se num bom julgado
e num justo arrazoado,
ambos em perfeita métrica!
Meu amigo exegeta,
a aurora e o entardecer,
vêm os dois a merecer
o meu louvor de poeta.

Eu, de mim, me emociono,
ao sentir tanta beleza,
nos rigores, na aspereza,
nos escondidos do trono...
A lei tem sempre um mistério,
um confuso, um intrincado
para ser interpretado
ante o bom e o deletério.

E eis que a nossa magistrada
cujo nome é Heloísa,
foi muito firme e precisa,
na expressão bem trabalhada...
Por que prolatou em versos,
o julgado do consenso,
não sei direito, mas penso
em emoções e reversos.

Poeta, peço licença,
a juíza e advogado,
para ver no homologado,
do coração a presença.
Com efeito, em só dois anos,
este casal se dilui...
É certo que isso influi
nossos íntimos arcanos.
Desculpem, sem ilações,
o rogo consensual
deste simplório casal,
mata as nossas ilusões...
E é disso aí, que eu presumo,
ter a jovem Heloísa
- perdão, doutora juíza -
atingido o supra-sumo.

Foi simples, pois: HOMOLOGO.
Mandou que se publicasse,
desse ciência e arquivasse,
e bem que pensou, fez logo.
É, porém que o dito cujo,
ex-cabeça do casal,
fugiu ao consensual
na hora do caramujo.

Dinheiro escapole, é fogo,
este quis negar o cheque
e para lhe dar um breque,
vai ao Fórum novo rogo.
Agora quer, sob vara,
no peditório o Eunápio,
que se compila o larápio
a abrir sua mão avara.

E vem em poesia régia,
a razão fundamentada,
que depois de ajuizada,
tem retorno à pena egrégia.
Então a doutora é assente:
como requer, officie-se
para que o réu avie-se,
pague em moeda corrente.

Afinal, tudo isso dado,
porque estimo a inteligência,
o brilho, a honra, a decência,
eu me sinto estimulado
a formular um convite
à juíza da Sexta Vara
que numa penada ampara
a poética e o desquite.

E reafirmo o permanente
ao ilustre advogado
que tenho por consagrado
no verso, mui justamente.
Dignem-se a vir conhecer
a UBT de Salvador
e aqui, conosco compor
a trova do bem-querer.

Uma só ressalva exata:
sendo o sábado primeiro
do mês, cabe-lhes, inteiro,
marcar a precisa data.
Em dia certo e marcado
renderemos a homenagem
a quem integra a mensagem
de amor ao lar no julgado.

É bom que fique o registro:
o poema foi composto
aos vinte e um dias de agosto,
nove-três da Era de Cristo.
Eu, João Justiniano
no endereço que aparece
à Rua Emílio Odebrecht,
três-dois-meia, sem engano.

É na Pituba, o edifício
chama-se Praia Dourada,
manhã cedo, madrugada,
estou firme em meu ofício.
Quem quiser o telefone
ligue dois e quatro e zero,
dois, um, meia, dois, espero
que ao ligar me encontre insone.

IVONE SELISTRE. Contista e poetisa com dois livros publicados e participação em coletâneas. Faz parte de diversas entidades culturais inclusive a POEBRAS SALVADOR, como sócia correspondente. Premiada em vários concursos literários, inclusive os dois primeiros de nossa POEBRAS.

ECOS DO SILÊNCIO DA MORTE

A noite vela versos semimortos
grafados em páginas amarelas,
onde reflete a luz rabiscos tortos
projetando abstratas aquarelas:

- Ou naus dispersas em submersos portos,
içando ao vento polimorfos velas
ou adejantes sombras de natimortos,
a envolverem náufragas caravelas.

Mas os poemas, por si, peregrinos,
ultrapassam os mares dos destinos,
a estrelas confiando sua sorte.

Do poeta, a lavra, nunca esquecida,
transpõe o tempo, pois que há tanta vida,
tanta, nos ecos do silêncio da morte.

JOÃO BOSCO DE CASTRO. Professor e escritor, coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. Natural de Pará de Minas, onde nasceu em 31 de janeiro de 1947, sendo filho de João Rodrigues de Castro e Maria Ramos de Castro. Premiado nos dos primeiros concursos da Poebras Salvador, da qual é sócio, recebe o prêmio, agora a nível internacional (texto à página 10). Residência: Rua Epídoto, 143, Santa Tereza, Belo Horizonte (CEP 31010-270)

SABRE-CIDADÃO

Soldado é homem-sol de amor e mente,
Cujo sangue ilumina a devoção
À Pátria – dom maior de altiva gente –
E cujo brilho acende o coração
Da Paz – sonho soberbo e efervescente –
E ofusca a tirania e a escravidão
Co’os olhos na visada eficiente
Do sereno fuzil de prontidão
Nas fronteiras de crença convincente
E esperança febril, feliz sezão!,
No Pantanal de vida comovente,
Ou Pampa de peleia e chimarrão,
Ou Anhangabaú, rio doente,
Transfeito em chaminé-suor-e-pão,
Ou Cristo-Corcovado Onipotente
(Crucifixo de abraço-redenção),
Ou Mantiqueira aguda e reluzente,
Ou Nordeste inculpido no sertão,
Ou Amazônia audaz (boiúna ardente:
Tucuruí, Manaus, Alter do Chão),
Ou Planalto Central plurinfluyente
Na sorte do Brasil, país loução!
Soldado é gente-luz de alma fremente,
Sensível a prazer e provação,
Patriota zeloso e consciente
Dos deveres do Sabre-Cidadão:
Tutor fardado, estóico e intransigente
Dos valores excelsos da Nação!

JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA

OS DEUSES E A GUERRA

Os deuses se alimentam de sangue:

o Deus dos muçulmanos,

o Deus dos judeus,

o Deus dos cristãos.

Mais deuses houvesse, mais guerra haveria,
mais sangue ensopando a terra dos homens.

Os deuses se alimentam de sangue...

Einstein prevê a extinção da humanidade
se esta não extinguir a guerra.

Mas, a guerra não é da humanidade,

a guerra é dos deuses,

os deuses de todas as religiões

e os pequeninos deuses da terra.

A humanidade é só o instrumento...

Nostradamus profetiza

que o mundo vai acabar-se em fogo.

O fogo da guerra dos deuses?

Os deuses se alimentam do sangue da humanidade.

Por isso,

as guerras são santas

e proporcionam fortunas

à indústria bélica!

E os profissionais de comunicação também?

As notícias descem da TV,

sobem dos jornais pingando sangue.

Valha-nos o Deus vegetariano dos ateus,

e salve a humanidade!

JOAQUIM MONCKS. Advogado, poeta, conferencista. Seis livros publicados. Rua Lima Silva, 116/401, CEP - 90050-100 Porto Alegre - RS.

PÁTRIA, VARIAÇÕES SOBRE O TEMA

Desvirgino o verso
como quem sabe dos segredos.
Minha Pátria é essa amada alma
em que mora a inocência.

O que sei de mim se estou em Ti,
com os olhos roxos,
fumaça do cigarro criando
vultos de ausências.
Sou daqueles da insólita (a) rota,
os que ainda fiam-se na esquina próxima,
cansados de (ex) pulsar demônios,
com seus rotos vestidos de anjos.

É alucinada a escrita dos que amam.
Na permanente canção do tempo,
nem o temor da perda.

A liberdade se autodesenha, alegre,
dama da noite, dos cubículos, das favelas.
É o fanal doido, que mesmo triste,
inscreve arabescos por onde passa.
Empolgado de luas, chora o violão.
A Pátria ainda é a trincheira
dos encontros.
Dentro de nós, o espírito cochicha
a luminosa canção das estradas,
olhos fitos no conto-esperança.

Contemos. Motivos somos nós, cristais
espargindo sombras; esmeraldas foscas,
auriverdes do nada.
Fogem do cais maduro (oxi)gênios do rio escuro,
apenas peixes luminosos.
O mesmo aquário em que se aprende a nadar.

JOSÉ CARLOS SAMPAIO CARDOSO. Sócio correspondente da POEBRAS
SALVADOR. Av. Rui Barbosa, 20, Nazaré – BA.

MENDIGOS E MISERÁVEIS.

Era uma avenida como muitas que eu já havia passado...
Edifícios, lojas comerciais, automóveis, transeuntes,
Camelôs, batedores de carteira, mendigos e miseráveis...

Quase todos admiravam vitrines.
Os automóveis passavam em velocidade,
Alheios àquela realidade...
Quem vendia, tentava fisgar o freguês.
Quem ia às compras, dividia-se entre olhar as mercadorias
E preocupar-se com suas bolsas e carteiras...

Eu caminhava, lentamente, observando todos esses aspectos...
Havia acordado meio triste e resolvi sair para espairecer...
Naquele tumulto percebi que os mendigos,
Perambulando ou jogados no chão,
Passavam despercebidos,
Tais como os postes de iluminação...

Eles faziam parte da rotina urbana.
Aqueles seres maltrapilhos, sujos, doentes,
Tornaram-se meras figuras decorativas!
Ninguém os via como homens, mulheres, crianças... gente!
Eles gritavam com seus olhares que estavam famintos
- Eu estou aqui!... Me olhem por favor!...

-

Todos passavam correndo... corriam, corriam...
Percebi que a maior fome deles não era a de pão...
Estavam famintos de amor, de acolhimento, de atenção...
A partir daquele dia, caminhar por ali, jamais foi igual.
Daquele dia em diante, comecei a ver os mendigos
E descobri que os miseráveis somos nós...

JOSÉ PEDRO MACHADO Farmacêutico, ex-professor, poeta, contista, dramaturgo. Livros solo: Fala, Coração (Dedicatórias), Salvador Poética, no prelo. Antologias: Cantinho do Poeta II (Internacional), do Adeus, Grandes Escritores da Bahia – vol. 3; Dicionário Bibliográfico dos Escritores Brasileiros; Terra Brasilis (2º lugar); Artpoesia (2000); Revista da Casa do Poeta Brasileiro (2000), Revista Vice-presidente da Academia de Letras e Artes de Alagoinhas (ALADA); Presidente da Casa do Poeta de Alagoinhas (Caspal) e Diretor de Eventos da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador – POEBRAS SALVADOR.

BOM DIA, JORGE

Bom dia, Jorge, pois no céu é Dia ...
Nos seus castelos brilham as almenaras,
Que aos querubins emprestam a luz da vida,
Espargida pelo zéfiro das searas.

O Amado sobrenome manifesta,
Na cor alabastrina do teu manto,
A sussurrar um canto de saudade,
E sublimar as gotas do meu pranto.

Aos filhos da Tessália, um novo reino
E Deucalião e Pirra, proclamados;
Teus filhos, Jorge, percorreram o mundo
Em homens e mulheres transformados.

Quando flores em poemas multicores,
Não mais prostradas, renascerem enfim
Sobre as cinzas descansarão as pétalas,
Sob a mangueira, brotará jasmim...

Menção Honrosa no concurso literário
"Cidade do Salvador" Outubro/2001

MARA DE CARVALHO LEITE. Baiana de Palmeiras, na Chapada Diamantina. Apaixonada pela terra natal. Bacharela em Letras pela PUC, de Porto Alegre, cursando doutorado Professora de línguas, tradutora, intérprete. Escritora e pintora, amante da Literatura e das Belas Artes. Coração dividido entre o Rio Grande do Sul e a Bahia. escreve inspirados poemas e compõe lindos quadros. Participa de cinco coletâneas poéticas e seguidamente desta revista. Nossa sócia correspondente. Reside em Santo Antônio da Patrulha, RS, a Rua dos Imigrantes, 651.

PALMEIRAS

Palmeiras das Lavras Diamantinas,
Terra querida!!
Berço da minha infância,
Cidade onde nasci.

Jóia rara do Sertão!
Tens para mim,
O brilho dos diamantes
Encontrado no leito de teus rios.

Foi com muito pesar
Que a deixei um dia,
Quando não tinha ainda

O poder de decisão.
A vontade era grande
De voltar às minhas origens
E rever a querida Bahia.
Porém, na minha memória,
Guardo as melhores lembranças
Do meu tempo de criança,
Onde tudo era poesia,
E a vida tão feliz!

MARIA AMÉLIA GONÇALVES HILLAL. Membro da Casa de Cultura, de Pelotas, da Academia Sul Brasileira de Letras, do Centro Literário Pelotense, da Ordem Internacional das Ciências, das Artes, das Letras e da Cultura, em Brasília, da Casa do Poeta Rio Grandense (CAPORI), Sócia Correspondente da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador.

MEUS OITENTA ANOS

Meus oitenta anos, bem vividos!
Graças a Deus, ao chegar neles, vejo
Que o corretismo em que pautado venho
O meu viver, meu rosto não dá pejo.

Dos pais, o santo exemplo, com empenho,
O praticar, seguido tenho ensejo.
E bom conceito que, sempre, mantenho,
É mais compensador que o casto beijo.

Crente em Jesus e São Judas Tadeu,
Hoje, desfruto todo o bem tão meu,
E, desta vida nada mais eu quero.

Pois gozo a Graça que tanto venero
E faz realizadas minhas metas;
- Tenho um bom filho e duas netas.

MARIA DE LOURDES PITON. Natural de Barretos, reside em Olímpia, SP desde 1964. É professora de Filosofia e História e membro da Academia Barretense de Cultura (cadeira 34). Tem publicados seus trabalhos no livro *Do Vário Tempo*, da Editora Soares, Barreto, 1995, no livro *Voz Da Editora Scortecci*, /SP 2000 e em várias antologias

ECOLÓGICAS

I

Uma garça branca
no rio... tão sujo...
Tão branca.

Amo o rio poluído
que, indiferente aos andrajos
exibe uma garça.

Num montículo da margem
da mesma água,
uma flor desabrochada
prega
o Sermão da Montanha.

E ainda, na avenida
que margeia o rio,
penso poesia
e compreendo
as bem-aventuranças.

Bem-aventurada corrente!
Maculada! Agredida!
Impávida, porém,
fiel ao seu destino
e ao apelo do mar.

II

Numa pauta de silêncio,
um bem-te-vi atrevido
canta um solo estrídulo
e faz um furo na hora

E eu, me ensimesmara,
desencanto:

no meu quintal,
o mundo se fez agora.

III

O sol espera
que faça o dia
para então despontar.

O sol espera
fora do meu olhar
que, de manhã, na fímbria
dos meus olhos
eu fabrique a claridade
com a matéria sutil
das estrelas interiores
e amanheça-me

MÁRIO BELMIRO BARBOSA (MARBELOSA). Poeta, cronista. Cachoeirano. Filho de Júlio Faria Barbosa e Zulmira Freitas Barbosa. Formação em Ciências Contábeis. Integrante do Centro de Pensamento e Ação – CEPA, onde é diretor, e da Casa do Poeta Brasileiro Em Salvador. Tarangalhos Publicados na Revista Cepa, e na Revista da POEBRAS SALVADOR e outros periódicos. Rua Daniel Lisboa, 47, 3a Tv. ap 401. Brotas, tel – 71-3562851

VELHICE

Estou velho ficando
que estou ficando velho
Mas, a velhidade
exprime uma verdade:

Nesta feliz idade
de muitos anos de vida
Só me traz tranqüilidade
da bela missão cumprida
que é a paz por mim
obtida.

MARIO PIRES – DIRCEU. Escritor, poeta. Integrante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Campinense de Letras, da Academia Del Fiorino, Prato, Itália, da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador. Vinte e oito livros publicados em prosa e verso.

ESQUECERAM-SE DE MIM

"Esqueceram-se de mim!"
Uma expressão angustiante!
É como o vazio de uma ilha,
o mundo, ao longe, distante!

O monge, só, não padece;
na fé de Cristo é feliz!
Mas o homem agnóstico,
não tem ninguém que o bendiz!

A criatura é um ser gregário,
vive de amor e ternura,
Mas, sem afeto, é um fadário!

Que eu nunca sofra essa dor!
Que a minha vida sorria
e me empanzine o amor"

MILTON COSTA. Natural de Alagoínhas, Bahia. Nascido em 10/12/1926. Residente em Salvador, à rua Jogo do Lourenço 22 - Saúde / Nazaré - Salvador. Poeta, cronista editor e redator do folheto POESIA, boletim mensal. Sócio correspondente da Casa do Poeta Brasileiro Salvador. Medalha de Bronze no Concurso de Poesia do Cenáculo Brasileiro de Letras do Rio de Janeiro - ANO 2000. Escreve para o jornal literário "PEGADAS" do Rio de Janeiro "ALAGOINHAS-JORNAL" e "O FOLHÃO" de Alagoínhas-BA

B O R B O L E T A S

Bailando no ar
Lindas falenas
Colorem o espaço
Em matizes divinos
Expressando a beleza
Da natureza em festa
Que vibra em plenitude
Tornando almas felizes.

Perfeita coreografia
Num espetáculo divino
Bailado magistral
Espontâneo revelador
Do poder de Deus
Que soube criar
Belezas da vida
Para nos premiar.

NEWTON MEYER AZEVEDO. Artista da poesia. Cel. do Exército Nacional. Academia Pousalegrense de Letras, UBT Pouso Alegre, corresponde da POEBRAS SALVADOR.

CANTA, BRASIL.

Há muito tempo ouvi um corrupião,
Passarinho poeta do sertão,
Seresteiro emplumado e matinal.
Era amarelo-fulvo, ou encardido.
De pé, quase na pose de "sentido",
Estridulante, enchia-nos o ouvido
Com acordes do Hino Nacional.

Belo exemplar da própria natureza,
De patriotismo e natural beleza
Que a muitos brasileiros é bom guia!
Há tantos, na guitarra ou na sanfona
Chamando nosso Hino de "cafona",
Que a própria juventude o abandona...
... Não sabe a letra e esquece a melodia...

Corrupião do cerrado, estende as asas
Por sobre escolas, catedrais e casas,
E faz cantar de novo este Brasil!
Que a nossa juventude abra a garganta,
Pois ela é Pátria que, sorrindo, canta,
E que o progresso e a Ordem acalanta,
Silenciando as vozes do fuzil!

Que cada brasileiro cante o Hino
Da mesma forma que o cantou menino,
Hoje – consciente nessa devoção!
Que não façam arranjos ou chacotas,
Que respeitadas sejam suas notas,
Que os cidadãos desprezem as gaivotas,
E seja um BRASILEIRO-CORRUPIÃO.

NILSON PETRONILO DE SOUSA. Autodidata. Nascido em Salvador. É poeta e trovador. Pertence a OBRAPES, Academia Castro Alves de Letras, POEBRAS Salvador na qualidade de sócio fundador. Tem dois livros de poesia publicados e divulga seus trabalhos na Folha do Subúrbio, de Camaçari e outros jornais. Sua poética preferida é espiritualista e planetária. Trabalha com empenho e capricho o soneto/acróstico e o produz também em duplo acróstico. Rua Prof. José Martins Rosa, 5. Caminho de Areia. 40440-150 – Salvador - Ba

E AS CORDAS PARTIRÃO

Quando eu me for, não levarei comigo
o meu tão estimável instrumento;
no entanto, o ideal lírico prossigo
em outra dimensão, no firmamento.

Nesta vida terrena é meu amigo.
Ele vibra conforme o sentimento.
Sem ter inspiração não o fustigo,
Pois talvez tire dele um fragmento.

Sensível, suas notas são corretas,
se dedilhadas por leais poetas.
E quando minha hora, enfim, chegar.

Tendo a alma para o etéreo volitando,
alguém escutará cordas quebrando.
a minha lira não vai mais vibrar.

NUNES DE ALMEIDA. Poeta, membro da Academia Castro Alves de Letras, da OBRAPES e da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador, na qualidade de sócio fundador

TROVAS

Mulher feita de costela
Costela de homem foi...
E quando surge na tela
Homem quer ouvir seu – oi!

&

Foi o peru quem fez a roda
Perua se acomodou...
Depois inventou a moda,
E para o peru se abaixou.

Sugando em flores plásticas
Açúcar e não néctar...
O beija-flor em tais práticas,
Consegue se alimentar

&

As borboletas adejam
sem nunca estar solitárias...
De vez em quando, se beijam,
Beijo de vidas precárias.

OLGA MATHION - Escritora, poetisa, professora. Natural de Além Paraíba, Minas Gerais, filha de Carlos Geraldo Mathion e Virgínia Bela Rosa Mathion. Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiáí, Academia Jundiáense de Letras e Casa do Poeta Brasileiro em Salvador.

DIA DE NATAL

Era a primeira vez que ele ali entrava.
Lá fora um mundo diferente:
crianças brincavam pelas ruas
com bolas, bonecas, cavalinhos,
e uma porção de coisas que a gente
não sabe descrever, assim sozinha!

Nos lares uma toalha branca,
muito branca, numa mesa envernizada.
Doces finos, vinho, balas de mel,
ameixas e castanhas assadas
para festejar o nascimento
de JESUS, que mora no céu!

Numa choupana humilde e pobre
uma criança loura e pequenina
adormeceu com a esperança de ganhar,
no dia de Natal, uma linda boneca
que vira na vitrine.

E uma outra, doente, e fraquinha,
que era o sol de uma casa triste,
deitada numa cama sem lençol,
olhava, na parede, pendurada, uma cruz.
la ser chamada naquela noite linda
para o rico REINADO DE JESUS.

Era a primeira vez que ele entrava
naquela casa grande e pequenina.
Seu aspecto era rude,
seu olhar era estranho, parecia olhar
de um assassino.

Sentou-se junto aos outros companheiros
e examinou aquela sala vazia,
aquela sala cheia de figuras invisíveis
ali enviadas por DEUS, e esperou.
Seu olhar indagador dizia:
- Onde os fantasmas?
- Onde os espíritos? Ou aliados seus?

Foram ali, naquela casa humilde,
receber uma pequena dádiva
a fim de festejar o Natal, dia de luz.
Para aqueles homens simples e honestos,
aquele dia de Natal
era a segunda vinda de JESUS.

Quando o som de uma prece linda,
muito linda, encheu aquela sala grande
de luz, de carinho e de amor,
aqueles homens pobres, ali reunidos,
sentiram (quem sabe), pela primeira vez,
a Presença DIVINA DO SENHOR!

E aquele de aspecto grosseiro, de olhar estranho
que eu dizia ser de um assassino,
metamorfoseou-se ante os meus olhos.
Eu vi transformado
de humilde lixeiro em perfeito paladino!
Aquele homem rude me comoveu.

E quando todos partiram agradecidos,
fitando o céu azul, humildes,
com seus chapéus na mão,
ele ficou para trás, foi o último a passar.
Nas suas faces redondas e queimadas,
eu vi uma grossa lágrima rolar.

Aquele homem rude,
Que eu dizia parecer um assassino,
Naquele dia de Natal,
Chorou e me fez chorar!

OSWALDO FRANCISCO MARTINS. Engenheiro químico e matemático, pós-graduado em Engenharia de Processamento Químico. Professor de matemática. Poeta e ficcionista, com sete livros publicados. Diretor de Intercâmbio Cultural da POEBRAS SALVADOR. Coordenou o III Concurso Internacional de Poesia em 2001. Rua Padre Manoel Barbosa, 527, ap 502, Ed. Ágata. Itaigara.41840-040 – Salvador.Tel (71) 3539277, 3585563, 99899272.

O MISERÁVEL BRASILEIRO

Por ser fraco e tão pobre,
Ar radical o cobre.
Sempre explode em revolta
E essa vida o não solta..

Sem estima sadia
Ou que por tal porfia,
Sente um torpor de fome
Quem sua alma o consome.

Eis o humano carente,
Andante, sem parente,
Gente que não tem casa

Ou vítima real
De sina desigual,
Com morte que se apraza!

HOMEM DE RUA

Perambula sozinho.
Passarinho só, sem ninho,
Faltando-lhe carinho!

O MORTO VIVO

Impotente ser novo,
Sem nada, sem dinheiro,
Que é da cara do povo
– Sem mar e marinheiro!

Nessa existência inválida,
Arrasta-se bem lento
E mostra, à face pálida,
Seu trauma e seu tormento.

Distante de ser forte,
Falto na marcha ou porte
Inspira compaixão.

A sua alma o levanta,
Mas quase sempre o espanta
A visão de um caixão.

PAULO CÉSAR DE ALMEIDA. Poeta, contista, cronista, natural de Andrelândia, MG. Integra a Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, Centro Cultural Andrelandense, Sindicato dos Escritores do Estado de Minas Gerais e POEBRAS SALVADOR. Livros publicados: "Andrelândia, vultos e Fatos", "Pai Nosso Para Nossos Dias". Residência Rua Joaquim Emerenciano, 227, Andrelândia, MG.

INQUIETAÇÃO

Parar aos quarenta e palmilhar a pregressa
passo a passo, dia a dia
e vasculhar cada instante,
esmiuçando canto a canto o que ficou esquecido
nas voltas e nas esquinas da vida

Vivo a catar sofrimentos em gotas
e a resvalar-me nas pedras de tropeços
que foram esmeril a meus pés descalços.

É desolador constatar
vinte anos perdidos na mesmice
e na mediocridade de acender mil velas ao sol
diariamente
sem que à estrela causasse rubor
ou aos homens despertasse simpatia o gesto,
senão, piedade.

Outros vinte vivi malogrados
no ermo de um coração inquieto
a rever sombras na escuridão,
quando sequer penumbra foi destaque
ou sinal de vida
na aurora das paixões.

Parar aos quarenta e palmilhar a pregressa
é perder a nave da história
e turvar a chegada de novas emoções.

RINALDA LIMA. Contista, poetisa, cronista, participante de seleções e antologias. Membro da União Brasileira de Escritores – UBE/Sergipe e da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador – POEBRAS SALVADOR. Assistente social.

PONTO FINAL

Sentei, nenhum fluxo aflorou.
A noite desvirgina humanos
quer queiram, quer não.
No refluxo, letras caolhas
levam à confusão de nomes.
Sou parte desse vil teatro
no final do espetáculo fracassado.
Há anos escuto a mesma música:
a música que furou
meus tímpanos num acorde violento
E, descaradamente, ficou a zombar.
Maldita hora em que abri o cofre.
Vou amaldiçoá-la todas as vezes,
mas desconfio da anotação remota,
certamente esquecida.
A odiosa melodia,
o rascunho no papel.
Anfitriã intrometida,
neste endereço nada encontrará
além de migalhas esquecidas
por algum forasteiro.
Ponto final!

SONILTOM CAMPOS. Poeta e trovador, ficcionista. Pós-graduado em língua portuguesa Contemporânea, Bacharel em Jornalismo, Bacharel em Direito, Licenciado em Direito Usual e Legislação Aplicada, Licenciado em Teoria e Técnica de Comunicação. Autor de três livros de poesia, um romance ambientalista – romance histórico-poético – e um livro técnico – A Linguagem e a Técnica Legislativa. Vencedor de vários concursos de poesia e contos. Sócio correspondente da POEBRAS SALVADOR. Travessa Jorge Caldas, 30 – Imbitiba, 279213-410 – Macaé – RJ.

MEGATERRORISMO

Guardem todos na memória,
porque vão ficar na História
os ataques de setembro,
dia onze, dois mil e um,
sem o alcance de nenhum
outro ataque, se me lembro.

Os golpes e seus horrores
não atingiram as Torres,
nem o Pentágono, apenas,
pois atingiram a Deus,
quando suicidas ateus
mataram por seus mecenas.

Os que vivem a tramar
e morrem para matar,
não têm Deus nos corações.
A eles lança um aviso:
Só vamos ao Paraíso
por nossas boas ações.

Seja o terror islamita,
seja uma mente maldita
que distorceu o Corão
quem na última semana
pôs a pátria americana
e seu povo em oração,

o fato é que o mundo inteiro
meteu-se num atoleiro
de que é difícil salvar-se.
Virá o caos? – Deus nos livre!
As bolsas em queda livre,
o pânico sem disfarce

Mas eu vejo no episódio
que toda revolta e o ódio,
não se voltam contra o Islã.
Voltam-se contra o terror
daqueles que têm amor
somente ao Grande Satã.

Nostradamus, o Profeta,
previu de forma correta
o ataque sem precedente.
Disse: "O fogo tomará
duas obras. Matará,
entre rios, muita gente".

Disse, ainda, o visionário:
"Capricórnio, Sagitário.
e o Sol, vão ficar opostos".
Pois neste setembro estão,
confirmando a previsão,
os três astros contrapostos!

São os rios Hudson e Aest
os rios do quadro triste
citados na profecia...
Meu Deus, porque Nostradamus
não previu que nós amamos
a paz, com democracia?

Por isso, acudiu-me à telha
a parábola da ovelha
por Jesus Cristo ensinada:
Se uma se extravia, o ganho
é largar todo o rebanho
e ir buscar a extraviada...

Se qualquer um terrorista
voltar a compor a lista
dos bons, como os irmãos seus,
esquecerá seu passado,
passará de "procurado"
a missionário de Deus.

Oxalá que a luz da Terra
não se ofusque pela guerra
como ocorre num eclipse...
Mais uma guerra mundial
vai por o mundo, afinal,
à beira do Apocalipse!

VALDEVINO NEVES PAIVA. Poeta, membro da Academia Castro Alves de Letras da Bahia e da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador

PAZ E AMOR

Quisera eu, ser um raio de esperança
Derramado entre pobres e mendigos!
Quem me dera quebrar, dos inimigos,
O entusiasmo de ódio e de vingança!

Se a paz que existe e que ninguém alcança
Penetrasse nos lares dos amigos,
E o gemido profundo dos jazigos
Se transformasse em risos de criança...

Se a humanidade fosse mais humana
E eliminasse o nível que produz
Na sociedade a classe soberana,

Em cada treva brilharia a luz
E em cada gozo que do luxo emana,
Ter-se-ia a humildade de Jesus!

ZÍNIA DE ARAÚJO GOES Poetisa, pesquisadora legislativa, fundadora do Memorial Legislativo, fundadora do Coral Legislativo, prêmio 2ª Personalidade CEPA, prêmio Mulher 2000 no Legislativo, prêmios de vários trabalhos sociais e artísticos no Legislativo, sócia fundadora da POEBRAS SALVADOR.

O ABC DA VIDA

*Amor é célula máxima do viver
Beleza da alma que gratifica o corpo
Conduto áureo e luminoso da consciência
Dádiva que leva o ser vivo
Em êxtase do "bem estar" esquecendo
Fadiga ou negação da vida
Gozo de ser e ver através da alma, O UNIVERSO
Honesto no entender, se faz com Amor
Intensamente feliz no existir
Justamente porque de si
Karmicamente sempre existe um prêmio de herança
Laurel infinitamente dourado e rico
Moldando um existir saboreando a vida
Numa felicidade interior incomensurável
Oh! Vida linda! Vida Boa" Quando saberemos viver?
Pena que seja curta!
Que seja por muitos não sentida
Responsável motivo dos desencantos,
Superável porém, pelos que sabem amar,
Trabalhar, ajudar, criar e construir,
'Utilizando o Bom Caráter, sendo solidário,
Vivenciando o dever de Ser Amigo e Companheiro
"What is love"? Pergunto em língua universal para o mundo,
Xilogravura, Respondo, Do verdadeiro Modelo de ser gente
Yagisando, Putrificando, filtrando a Alma e a Vida
Zerando todos os índices de tristezas e maldades!*

Yagisando: altamente dirigindo e selecionando

PÁGINA DE FECHO

"Recebi ontem a visita de um poeta. O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o há de conhecer o Brasil. Bem entendido, falo do Brasil que sente; do coração e não do resto.

O Sr. Castro Alves é hóspede desta grande cidade, alguns dias apenas. Vai a São Paulo concluir o curso que encetou em Olinda.

Nasceu na Bahia, a pátria de tão belos talentos; a Atenas brasileira que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros.

Podia acrescentar que é filho de um médico ilustre. Mas para que? A genealogia dos poetas começa com o seu primeiro poema. E que pergaminhos valem estes selados por Deus?

O Sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do Dr. Fernandes da Cunha, um dos pontífices da tribuna brasileira. Digo pontífice, porque nos caracteres dessa têmpera, o talento é uma religião, a palavra um sacerdócio.

Que júbilo para mim! Receber Cícero que vinha apresentar Horácio, a eloquência conduzindo pela mão a poesia, uma glória esplêndida mostrando no horizonte da pátria, a irradiação de uma límpida aurora!

Mas também quanto, nesse instante, deplorei minha pobreza, que não permitia dar a tão caros hóspedes régio agasalho. Carecia de ser Hugo ou Lamartine, os poetas-oradores, para preparar esse Banquete da inteligência"

"Felizmente estava na Tijuca. Nestas paragens, não podia meu hóspede sofrer jejum de poesia. Recebi-o dignamente. Disse à natureza que pusesse a mesa, e enchesse as ânforas das cascatas de linfa mais deliciosa que o falerno do velho Horácio.

A Tijuca esmerou-se na hospitalidade. Ela sabia que o jovem escritor vinha do Norte, onde a natureza tropical se espanja em lagos de luz diáfana, e, orvalhada de esplendores, abandona-se lasciva como uma odalisca às carícias do poeta".

"Foi assim, a sorrir entre os nítidos véus, com um recato de donzela, que a Tijuca recebeu o nosso poeta".(trechos da carta de José de Alencar apresentando Castro Alves a Machado de Assis – Página 12 e seguintes de Correspondência, Machado de Assis)

"Castro Alves, não vacilo em o proclamar, é o primeiro poeta nacional", registra Afrânio Peixoto, e adiante: "Não foi somente Castro Alves o Profeta da Abolição, o 'Poeta dos Escravos', como deveu ser chamado, pela vibração prolongada e intensa dos seus cantos contra a escravidão – foi também, historicamente, um dos primeiros abolicionistas de nosso país, em tempo e, talvez, o de influência mais ponderável, até à proclamação". (1847 - 1871)

O LIVRO E A AMÉRICA

Talhado para as grandezas,
Pra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
Estatuário de colossos,
Cansado de outros esboços
Disse um dia Jeová:
"Vai, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna oficina...
Tira a América de lá".

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um traz-lhe as artes das Europa,
Outro as bagas do Ceilão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados
Lhe apontam para amplidão.

Olhando em torno, então brada;
"Tudo marcha!... Ó grande Deus!
As cataras pra terra,
As estrelas para os céus.
Lá, no pólo sobre as plagas,
O seu rebanho de vagas
Vai o mar apascentar...
Eu quero marchar com os ventos,
Com os mundos...Com os firmamentos"!
E Deus responde – "Marchar"!

Marchar... Mas como! Da Grécia
Nos doridos Partenões,
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteões?
Marchar com a espada de Roma,
Leoa de ruiva coma,
De presa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
Com as garras nas mãos do mundo,
Com os dentes no coração?

Marchar?... Mas como a Alemanha,
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?
Não! Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
"No pugilato tremendo
Quem sempre vende é o porvir"!

Filhos do séc'los das luzes!
Filhos da Grande Nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro – esse audaz guerreiro,
Que conquista o mundo inteiro
Sem nuca ter Warteloo;
Eolo dos pensamentos
Que abrija a gruta dos ventos,
Donde a igualdade voou!

Por uma fatalidade,
Dessas que descem do além,
O séc'lo que viu Colombo,
Viu Guttemberg também:
Quando no tosco estaleiro
Da Alemanha, o velho obreiro
A ave da imprensa gerou,
O Genovês salta os mares,
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou.

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
Oh! Bendito que semeia
Livros!... Livros à mão cheia,
E manda o povo pensar!
O livro caindo nalma
É germe que faz a palma,
É chuva que faz o mar.

Vós, que o templo das idéias,
Largo, abris às multidões,
Pra o batismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora, que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse rei dos ventos,
Ginete dos pensamentos,
Arauto de grande luz!

Bravo! a quem salva o futuro
Fecundando a multidão!
Num poema amortalhada,
Nunca morre uma nação,
Como Goethe moribundo,
Brada – "luz" o Novo Mundo
Num brado de briaréu...
- Luz! pois, no vale e na serra...
Que se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!...

PATRONOS

O PATRONO PERPÉTUO DA CASA

Destacamos, como na contra capa do número 2 desta revista, um soneto de Castro Alves, o maior expoente da poética brasileira.

5ª e 6ª SOMBRAS
CÂNDIDA E LAURA

Como no tanque de um palácio mago
Dois alvos cisnes na bacia lisa,
Como nas águas que o barqueiro frisa
Dois nenúfares sobre o azul do lago...

Como nas hastes de um balouço vago
Dois lírios roxos que acalenta a brisa,
Como um casal de juritis que pisa
O mesmo ramo do amoroso afago...

Quais dois planetas na cerúlea esfera,
Como os primeiros pâmpanos das vinhas,
Como os renovos nos ramais da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças que trazeis-me a primavera...
Crianças que lembrais-me as andorinhas!...

O PATRONO DE HONRA

Virgílio José de Almeida é o nosso patrono de honra. Festejou, no coração da UBT-BA e da POEBRAS SALVADOR, os seus 91 anos de trabalho, sonho e poesia aos 8 dias do mês de outubro de 2001. O belíssimo soneto a seguir, foi publicado na capa interna da Revista nº 2 com a supressão, por erro gráfico, do último terceto. Agora, quando o poeta, lúcido e ativo, em plena capacidade de trabalho fecha os 91, apresentamos nossas desculpas a ele e aos nossos leitores, republicando-o.

CONVICÇÃO

Sei qual o meu papel no imenso mar da vida:
Sou um pingo d`água à face do oceano.
Mas, posto nada ser, desse nada me ufano
E trago, sobretudo, a minha fronte erguida.

Sigo uma estrada incerta, insípida e comprida,
E tudo no trajeto é mágoa e desengano.
Suporto sem gemer, o meu martírio insano,
Tendo um punhal no peito, e na alma atroz ferida.

Não me curvo, porém, a nada neste mundo...
Deponho aos pés de Deus o meu sofrer profundo
E canto a minha dor nas horas de lazer.

Se não atiro pedra aos cães soltos nas ruas,
É que também lamento as desventuras suas,
e deixo-lhes, portanto, o gozo de morder.

O PATRONO DE GESTÃO

Rodolfo Coelho Cavalcante, o grande cordelista brasileiro, um dos maiores em todos os tempos, editor, distribuidor e comerciante a miúdo dos seus famosos cordéis, foi escolhido como Patrono de Gestão em 1998, quando a POEBRAS SALVADOR reiniciou suas atividades e elegeu sua primeira diretoria nessa fase, sendo reeleito nesta gestão. Um soneto de sua autoria:

FILOSOFIA DE UM POETA

É o meu peito um tambor forjado em aço,
A minha alma um vulcão ardendo em flamas,
Minha vida – fogueira sempre em chamas,
Cada riso que dou sinto um estilhaço.

Vejo a terra pequena, galgo o espaço
Do meu ser anacrônico em seus dramas,
Vou sorvendo os remotos poligramas
De artista, de poeta, de palhaço!

Sou um Atlas corcunda, que carrega
O seu mundo nas costas e não nega
O seu físico de psico-matéria...

Sou um mito terráqueo, quase estático,
Um fantasma do Além, mesmo somático,
Entre sangue, osso, alma e bactéria.